O CAMPO EM *MAKA NA SANZALA*, DE UANHENGA XITU: ESPAÇO MÍTICO E DE RESISTÊNCIA

THE COUNTRYSIDE IN "MAKA NA SANZALA", BY UANHENGA XITU: A MYTHICAL SPACE AND A PLACE OF RESISTANCE

Recebido: 01/04/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4523

Juma Manuel[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-8453-6520

Resumo: Este texto interpreta a importância simbólica do mundo rural, enquanto lugar evocativo das tradições locais e de resistência à visão hegemônica eurocentrada, tomando como objeto de análise a obra literária *Maka na Sanzala* (1979), do escritor angolano Uanhenga Xitu. O exercício interpretativo parte da premissa de que o referido livro, ainda que publicado no pós-independência, aponta à problematização da persistência de variadas formas de dominação, apresentando-se, assim, como uma importante ferramenta de combate contra o apagamento de valores estéticos e culturais da sociedade angolana. Dessa forma, para responder aos objectivos da empreitada, o estudo é desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica e análise literária, atendendo, fundamentalmente, às contribuições teóricas de Appiah (1997), Somé (2003), Quijano (2005), Fanon (2008) e Mapera (2013). Portanto, o desenvolvimento da pesquisa, seguindo uma orientação teórico-crítica anticolonial, permitiu-nos compreender que a escrita de Uanhenga Xitu se processa pela lógica de subversão e questionamento à ordem colonial, pelo fato de sua narrativa revelar-se autêntico aparato de resistência ao dar visibilidade ao espaço, às práticas e ao modo de vida do subalternizado.

Palavras-chave: Narrativa, ruralidade e cultura; Saberes dissidentes; Angolanidade; Uanhenga Xitu.

Abstract: This text interprets the symbolic importance of the rural world as a place evocative of local traditions and resistance to the hegemonic Eurocentric vision, taking as its object of analysis the literary work Maka na Sanzala (1979), by the Angolan writer Uanhenga Xitu. The interpretative exercise starts from the premise that the aforementioned book, although published after independence, points to the problematization of the persistence of various forms of domination, thus presenting itself as an important tool in the fight against the erasure of aesthetic and cultural values in Angolan society. Therefore, to meet the objectives of this research, the study is developed based on literature review and literary analysis, fundamentally drawing on the theoretical contributions of Appiah (1997), Somé (2003), Quijano (2005), Fanon (2008), and Mapera (2013). Therefore, the development of the research, following an anti-colonial theoretical-critical orientation, allowed us to understand that Uanhenga Xitu's writing proceeds through a logic of subversion and questioning of the colonial order, due to the fact that his narrative reveals itself as an authentic apparatus of resistance by giving visibility to the space, practices, and way of life of the subaltern.

Keywords: Narrative, rurality and culture. Dissident knowledge. Angolanity. Uanhenga Xitu.

[1] Doutor em Letras (Especialidade: Literaturas e interfaces), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil. Professor da Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades, da Universidade Púnguè. Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: jumamanuel07@gmail.com.

Introdução: pensar a sanzala enquanto espaço de resistência simbólica

O presente trabalho tem como enfoque, essencialmente, no âmbito do pensamento crítico decolonial, apresentar um estudo sobre a obra literária *Maka na Sanzala* (1979), do escritor angolano Uanhenga Xitu. Nesta abordagem, a discussão sobre as dinâmicas de poder, território e práticas culturais é sustentada pelo entendimento de que esses elementos configuram-se como vetores essenciais para questionar a matriz eurocêntrica.

Frente a essa perspectiva, *Maka na Sanzala*, já no seu título, permite reconhecermos claramente uma função metafórica, pois reenvia o leitor para o conteúdo do texto de forma simbólica. Ademais, como é anunciado no próprio título, a narrativa tem como palco central dos acontecimentos a sanzala. Com isso, evocando um topónimo que designa as aldeias ou povoações rurais, a sanzala constante do título em questão exerce largamente a sua função de comunicação e programática; isso porque esse espaço aparece como lugar onde se manifestam, com maior incidência, todos os conflitos provocados pela violência do colonialismo contra o povo autóctone subjugado.

Amplamente representada no livro, a sanzala oferece diversos elementos que alimentam a trama narrativa, sendo que todos os acontecimentos são descritos, na maior parte dos casos, de maneira dialógica com traços de crenças e referências identificadas com esse espaço outrora marginalizado pela engrenagem colonial em Angola. Dessa forma, a sanzala aqui aduzida funciona como epíteto de luta, dando visibilidade e voz às referências culturais, às tradições e às pessoas que, diante da continuidade da política de exclusão e silenciamento, buscam subverter a visão estereotipada sobre o universo cultural das comunidades residentes no campo.

Assim, problematizando os legados coloniais persistentes, *Maka na Sanzala* pode ser compreendida, na atualidade, como uma obra literária que ressignifica a memória histórica relativa à visão colonial sobre o campo. Enquanto o colonialismo promoveu imposição de epistemologias e estruturas políticas concebidas como superiores sobre as práticas e os saberes locais, a diegese da obra em análise combate a hegemonia dos modelos ocidentais e potencializa epistemologias outras, fundamentadas na lógica ancestral e intrinsecamente ligadas ao imaginário rural, ou seja, à sanzala. Portanto, no livro em pauta, “a noção do espaço é marcada pela presença recorrente de uma escrita

angustiada, que olha o território real numa perspectiva metafórica, em busca de afirmação cultural e identitária" (Mapera, 2013, p. 189).

Nessa concomitância, o nosso propósito reside primordialmente, neste estudo, em interpretar a importância do mundo rural enquanto meio de resistência à dominação epistêmica eurocêntrica. Para tanto, é nosso interesse compreender a potência dos aspectos culturais ínsitos na obra literária de Uanhenga Xitu, a partir das marcas de angolanidade que (re)apresenta, mostrando até que ponto, com base em temáticas de cariz social e cultural, *Maka na Sanzala* recria valores estéticos que configuram cosmologias dissidentes.

Com efeito, para a prossecução dos objetivos acima elencados, desenvolvemos, na sequência, uma análise em torno da obra *Maka na Sanzala*, de Uanhenga Xitu. A partir da apreciação dos mecanismos de descolonização estética e de reconfiguração identitária, tentamos compreender como a ficção narrativa pode ser um instrumento de insurgência simbólica, dando visibilidade a vozes e saberes subalternizados. Após essa parte, considerando as análises desenvolvidas, sistematizamos, em jeito de fechamento do trabalho, os aspectos importantes que ao longo desta empreitada científica estimularam maior interesse à nossa discussão.

Sob a demanda da ruralidade: descolonização estética e reconfiguração identitária em *Maka na Sanzala*

Uanhenga Xitu, dono de uma escrita que brota diretamente da fala popular e das vivências na sanzala, posiciona-se, por meio da sua criação literária, como um relevante bardo da memória coletiva do povo angolano. Conforme observa Maria Afonso (2004), ao discorrer sobre a oposição cidade/campo na ficção narrativa angolana, Uanhenga Xitu, entre os escritores angolanos que situam a problemática das suas narrativas no espaço da "sanzala", ocupa um lugar de relevo; pois, o seu universo diegético se centra nos lugarejos do campo, onde se sentem as ameaças lançadas pelas estruturas urbanas hegemônicas. Nesse sentido, por meio da sua capacidade de dar vida a personagens identificáveis com o real, porque são gente com um cotidiano concreto e reconhecível, Xitu gera narrativas nas quais o colonialismo e os seus lastros de violência sobre o povo, a gente das sanzalas, figuram como temas dominantes.

Seguindo esse estilo de escrita desobediente, na obra *Maka na Sanzala*, Uanhenga Xitu apresenta nitidamente uma sedução particular pelas origens, pelas peripécias da vida da sanzala e do *musseque*. Por isso, de acordo com as palavras de Simone Conceição:

> Desde o início de sua atividade na vida literária nacional, Uanhenga Xitu desvincula sua escrita dos modelos estilísticos criados pela tradição europeia, ressaltando que sua entrada em cena na vida literária se deve a esse desejo de retardar ou mesmo evitar o desaparecimento de elementos tradicionais (Conceição, 2013, p. 238).

Nesse desvinculamento dos modelos estilísticos e temáticos criados pela tradição eurocêntrica, o escritor Uanhenga Xitu, segundo avança Manuel Ferreira (1977), em todas as suas obras, se coloca na primeira fila dos narradores angolanos, mercê de uma linguagem original, bebida nos estratos sociais das zonas populacionais que não são as de Luanda, de tudo resultando uma voz de crítica social acerba e implacável. Com ele e com os seus contemporâneos, revela-se uma literatura que é expressão e agente da identidade do povo angolano. Mais ainda, no conjunto da produção literária do escritor, o que mais e imediatamente impressiona, de acordo com os estudiosos da sua obra, como os casos de Manuel Ferreira (1977) e Margarida Schiappa (1978), é a espontaneidade e autenticidade da criação literária, a dar corpo a um testemunho vivencial em que se fundem eloquentemente o individual e o coletivo.

No plano diegético, a obra *Maka na Sanzala* compõe-se de três partes: “Parto”, “A fama da Mafuta” e “Mambumba”, que se complementam semanticamente. Cada uma, e em seu conjunto, narra as diversas situações por que passam as comunidades rurais angolanas, neste particular as comunidades residentes em sanzalas, desvelando os seus hábitos e costumes, as suas tradições, as suas tensões, enfim, o seu cotidiano e os seus modos de expressão característicos.

Diante disso, a partir da narração dos modos de vida e das relações das famílias no cotidiano rural, o livro em análise relata uma série de atos que, na lógica hegemônica colonial, são considerados irracionais e retrógrados; porém, no campo das culturas tradicionais africanas, esses elementos, enquanto modos de pensar e de existir, afiguram-se intrigantes à etnografia e à filosofia ocidentais. Por exemplo, no capítulo

“Parto”, dando conta dos procedimentos tradicionais de que as parteiras se socorrem nas comunidades, a narrativa expõe práticas e crenças próprias desse espaço rural:

> A rapariga, sentada numa ‘hata’ de panos velhos, e colocada sobre uma kabasa de luando, tinha o tronco inclinado para trás, e amparada por duas mulheres. Os pés flectidos sobre as coxas, era a posição que mantinha neste momento, depois de passar por tantas, para ver se a criança saía. Mas, nada! (Xitu, 1979, p. 17).

Em decorrência dessa situação de parto difícil, em claro gesto de potencialização dos saberes ancestrais que dominam a sanzala, “Uma velha trouxe pó de escamas de Haka (pangolim), e ordenou que dessem de beber à parturiente o mais depressa possível” (Xitu, 1979, p. 20). Por conseguinte, depois de cumprir esse preceito, Mulemba, a parturiente,

> de cócoras, com um pano amarrado em volta da barriga, recebeu uma garrafa vazia para soprar. Outra mulher, com um largo caco de uma panela de barro, onde continha brasas de fogo misturadas com sementes e outros produtos medicamentosos e mágicos, chegava-o entre pernas, à frente das quais a criança, ainda ligada à mãe pelo cordão umbilical, esperneava nas ‘águas amnióticas’ (Xitu, 1979, p. 29).

Nas transcrições apresentadas, constata-se o valor depositado nas práticas ritualísticas no mundo tradicional, de tal sorte que, ainda que consideradas estranhas e irracionais do ponto de vista ocidental, a sua adoção no campo configura um mecanismo de existência e resistência; dado que só depois de observadas as crenças da própria cultura e ater-se a elas é que a parturiente deu à luz. Com efeito, analisado o papel das crenças mítico-religiosas que orientam a vida rural, podemos asseverar que o texto em análise dá mostras de que é necessário o reconhecimento de existência de uma pluralidade de conhecimentos; uma vez que, para lá da episteme euro-ocidental, conforme ficou demonstrado pelos exemplos aqui expostos, as pessoas melhoram após a aplicação de remédios espirituais. Destarte, “é esse fato que nos habilita a nos opor à tese de que as crenças tradicionais são simplesmente irracionais” (Appiah, 1997, p. 238).

Ampliando a perspectiva de respeito apropriado a epistemologias outras que ocorrem na sanzala, Kwame Appiah, no seu livro *Na casa de meu pai*: a África na filosofia da cultura, considera que:

> O fato de ser possível fazer exatamente esse tipo de gestos em defesa das crenças religiosas tradicionais tem levado alguns a concluir que a crença religiosa tradicional deve ser interpretada como tendo os mesmos objetivos das crenças da moderna ciência natural, que se resumem no lema 'explicação, previsão e controle' (Appiah, 1997, p. 239).

Com o andamento da narrativa, percebemos que realmente não há como se esperar o mesmo sentido de explicação, previsão e controle para o que ocorre com o parto de Mulemba, pois a causa de seu sofrimento era Kienda, seu esposo:

> Kienda, vestido de pano, apertava-o sobre a cintura com um cordel de fibra de imbondeiro que fazia a vez de cinto, esquecendo-se de que nestas ocasiões de parto os maridos, tendo conhecimento, não devem usar calças e, se as usam, não devem apertar o cinto nem o botão que comprime a cintura, porque, segundo a tradição, dificulta o parto, comprimindo o útero da esposa (Xitu, 1979, p. 26).

Essa revelação, com reverberações de conhecimentos tradicionais, evidencia o contraste entre os espaços geográficos das zonas rural e urbana, dando um indicativo de que a vida no campo é fortemente guiada pelo respeito ao universo místico da tradição, haja vista que nesse lugar, contrariamente às incidências da cidade, a sabedoria tradicional ainda se faz forte. Nesses termos, o esquecimento de Kienda pode ser revelador da dimensão de corrosão das práticas ritualísticas imposta pela política assimilacionista euro-ocidental. Conforme o desenvolvimento da narrativa, Kienda é descrito como conhecedor dos mistérios envoltos no trabalho de parto, porém os ignora e coloca a vida da esposa em risco.

Aliás, *Maka na Sanzala*, na contramão da consideração segundo a qual "A alienação é largamente considerada como o estado característico do homem moderno" (Appiah, 1997, p. 246), problematiza a colocação do espaço urbano como o centro da modernidade, a partir da ida de algumas personagens para a cidade, em cumprimento de uma ordem exarada por Administrador local. Como poderemos compreender nos exemplos a seguir, enquanto resquício da administração colonial em Angola, vemos que, após uma confusão instalada na sanzala por conta de um estupro frustrado, considerando que entre os negros não se conseguiria chegar à resolução do problema no tribunal popular/tradicional, aos indiciados é imposto um veredito aplicado por um homem branco. No mais, em clara demonstração de assimilação ou conversão

ideológica, esse fato é até apoiado por alguns membros da comunidade nos termos que se seguem:

> – Estes homens cometeram crime grave, peço que sosseguem que a justiça será feita. Vou levantar o processo e os presos serão enviados para Catete... **Vocês os pretos não se entendem, se não fosse a presença da autoridade esta hora estavam todos em guerra** e... [...]
> – Õ pá, **o que o branco está a dizer é verdade**, porque se não era só chefe estes amigos de Kalutula já estavam mortos – resmungou um outro.
> – Õ pá – acudiu um terceiro –, é bom parar a conversa; **vocês venham discutir ou ouvir só? O branco está a dizer assim é só ouvir** e tudo fica no coração... (Xitu, 1979, p. 127 – destaque nosso).

Conforme destacado, perante as construções eivadas de colonialidade do poder e do ser, vislumbramos que, à luz do pensamento trazido à África pelos colonizadores, a identidade negra tinha de ser abandonada e, nesse sentido, a superação disso era ilusoriamente encontrada no homem branco europeu, suposto símbolo de pureza, civilidade e detentor da verdade. Assim visto, o narrador mostra como o ideário colonial alimentou, e continua alimentando, preconceitos contra o campo e sua gente, subalternizando as entidades locais e sufocando vozes, a ponto de um angolano internalizar sentimentos de inferioridade, se autorreprimindo e adotando, consequentemente, a postura do opressor através da perda de autonomia. Como explica Frantz Fanon (2008, p. 45):

> todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural toma posição diante da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.

O fato aqui evidenciado por Fanon se dá na obra em tela desvirtuando a essência da vida e da gestão dos assuntos da aldeia, considerando que “Na aldeia, existem aqueles que chamamos anciãos; são eles que tomam as decisões do povoado. Quando há uma situação urgente, os anciãos se reúnem e tentam decidir o que precisa ser feito” (Somé, 2003, p. 22).

Dessa forma, desrespeitando o conselho de anciãos e enquanto referências de continuidade da herança colonial, nos confrontamos, para além da réplica do ideário de grandeza do homem branco, com uma tendência de fuga da “incivilização” da gente do campo por meio de um deslocamento para a cidade. Nesses termos, a visão utópica do

espaço urbano, sinônimo da civilidade, é materializada pelo afastamento e mobilidade social das personagens, querendo, efetivamente, escapar da subalternidade e da perifericidade impostas pela alienação cultural e ideológica calcada no discurso da modernidade eurocentrada. Nessa linha, portanto, a sanzala torna-se um espaço indesejável, por exemplo, para a protagonista e, a essa luz, o campo é focalizado com uma aura de exotismo, permitindo-nos compreender como as violências do colonialismo devastaram a identidade do colonizado, sobretudo no espaço rural.

De acordo com o entrecho da narrativa, após a tentativa de estupro que sofrera, Mafuta, em companhia dos irmãos que lá trabalhavam e "tinham vindo propositadamente para assistir ao desfecho do caso" (Xitu, 1979, p. 132), embarca para a cidade de Luanda. Todavia, apesar dessa ida enquanto fuga do campo, a narrativa se encarrega mais adiante de demonstrar que a visão da cidade como lugar de eleição e perfeição é rapidamente derrocada pela enunciação, já que a protagonista retorna mais tarde ao campo: "Um dia Mafuta desembarcou na estação de Kasadi" (Xitu, 1979, p. 136), e em jeito de epílogo o narrador conclui: "Mafuta – é reencontro. Mafuta – é briga. Mafuta – é remoinho" (Xitu, 1979, p. 138).

Nessa tensão entre a assimilação e o seu retorno, toma corpo um visível assumir de pertencimento ao espaço ancestral, um claro destaque do *locus* de origem; legitimando, assim, uma espécie de desprendimento das vinculações à política da assimilação que apregoava uma pauta de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Conforme vemos, se "Mafuta" é reencontro, é briga e é remoinho, isso significa que a sua conexão com o campo é marcada por respeito à forma tradicional de viver, fissurando, desta maneira, o modo de vida das cidades que é dominado por uma profunda desconexão com o mundo espiritual, com as tradições.

Em último momento, é importante ainda referir que, na senda da análise dos aspectos que enformam a vida diária do campo, registramos, em *Maka na Sanzala*, elementos sugestivos da posição social ocupada pelas mulheres na vida da família e do povoado. À mulher são direcionadas tarefas diversas, como são os casos de trabalho nas lavras e em todas as labutas domésticas (preparo de refeições, coleta de lenha, pilagem de milho e transporte de água). As transcrições que se seguem são esclarecedoras do fato aqui pontuado: "As moças, animadas com a canção e o ritmo do

pilar, nunca paravam de pilar. E cada vez o faziam com mais força e vontade de demonstração, ouvindo-se as jimbonja que estalavam das suas mãos" (Xitu, 1979, p. 40) e "Bem perto do acampado, na grande baixa, algures entre a linha férrea e os caminhos e terrenos da sanzala do Domingo Simão, andava uma velha a cortar paus e troncos secos para lenha" (Xitu, 1979, p. 116).

Com base nos exemplos, e diante dessa especificidade de distribuição de tarefas, compreendemos que, no espaço rural, o trabalho dos homens é menos ativo e menos tenso que o das mulheres, pois, ainda que estes colaborem em algumas atividades, a mulher tem função nevrálgica na estabilidade social, sendo responsável, em grande medida, pela produção alimentar e pela manutenção de equilíbrio doméstico no seio familiar. Todavia, analisando os elementos que cercam a divisão de trabalho por gênero, constatamos contextos semelhantes à situação de opressão registrada no sistema escravocrata colonial; porquanto, em uma comparação entre o trabalho das mulheres e dos homens, é possível perceber que as atribuições das mulheres aparecem como uma configuração mais dura e demandam um ritmo regular/permanente, exercendo atividades fatigantes.

Destarte, de uma perspectiva que recupera a conexão entre a natureza da divisão de trabalho descrita na obra e o modo de produção capitalista promovido pelo colonialismo, é possível reconhecer que esse fato decorre da exploração destrutiva dos habitantes do espaço rural, onde vivia a grande parte da população colonizada. Ademais, a coerção e a brutalidade da violência colonial atingiram profundamente as povoações rurais, daí os legados nefastos que aqui analisamos.

Considerações finais: a sanzala e a potencialização da pluriversidade epistêmica

Ao longo desta empreitada científica, tivemos a ocasião de analisar a obra *Maka na Sanzala*, de Uanhenga Xitu. No estudo, desenvolvemos uma apreciação crítica considerando, enquanto ponto de partida, os mecanismos de visibilidade da ruralidade e sua importância na luta contra a hegemonia da visão euro-ocidental.

Compreendemos, com efeito, que o espaço rural no livro de Uanhenga Xitu simboliza um espectro estético de resistência. Na verdade, em *Maka na Sanzala*, o tratamento da sanzala é definido e impregnado de suplementos estético-narrativos que

recriam o repertório do colonizado a partir da presença de aportes simbólicos, culturais e linguísticos característicos desse território profundamente marginalizado pela matriz eurocêntrica colonial.

Dessa forma, conhecendo intimamente os valores identitários e a alma do seu povo, Uanhenga Xitu transpõe para o seu texto figuras e situações concretas narradas ficcionalmente, com base em quadros episódicos peculiares, em uma arquitetura textual que aponta para uma proposta epistemológica contrária ao eurocentrismo. Para isso, o autor investe numa autognose em que busca estruturar sua textualidade a partir do cotidiano da sanzala que envolve os subjugados residentes nesse território periferizado. Portanto, pensando a escrita como uma das únicas vozes "que rompe[m] com o silêncio e derrota[m] as ditaduras mais perversas da humanidade" (Mapera, 2013, p. 68), a obra em questão busca um esgarçamento da manutenção das colonialidades do poder, do saber e do ser (Quijano, 2005), percebidas no dia a dia de quem habita, principalmente, no campo.

Denegando e pervertendo os modelos hegemônicos ocidentais, tidos ilusoriamente como superiores, Xitu, através de práticas que incluem os mitos e os valores culturais outrora inferiorizados, urde suas tramas narrativas captando a realidade da sanzala, enquanto, como ficou evidente neste estudo, um potente mecanismo de existência e de visibilidade da ruralidade. Aliás, em consequência direta da resistência anticolonial, encontramos, em *Maka na Sanzala*, marcas fortes de apelo ao enaltecimento e valorização da cultura e do espaço de pertença do povo angolano.

Enfim, podemos concluir que Uanhenga Xitu procura, a seu modo, desarticular o estatuto hegemônico da ordem eurocêntrica, encenando situações em que as pessoas e as práticas subalternizadas são ficcionalizadas de maneira a contrariar a problemática de silenciamento proposto pela lógica colonial. Em síntese, a partir de *Maka na Sanzala*, inferimos uma inscrição que demanda mecanismo de fortalecimento de outros modos de conhecimento, para além da subalternidade delimitada pela visão hegemônica. São, desse modo, mais pronunciados, na tessitura ficcional xituísta, sistemas de conhecimento locais, a exemplo dos rituais tradicionais de cura e exorcismos, bem como a presença de organização e sentido comunitários, que, efetivamente, se mostram, ainda na atualidade,

elementos fundamentais para uma vivência que se pretende mais “humana” e aberta à cultura da diversidade.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano**: escritas pós-coloniais. Lisboa: Caminho, 2004.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** A África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CONCEIÇÃO, Simone Ribeiro da. O Ministro*:* a memória como trampolim para o futuro na escrita de Uanhenga Xitu. *Locus*: **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 18, n.02, p. 235-257, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, v. 2, 1977.

MAPERA, Martins José Chelene. **Realismo e Lirismo em Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Chuva Braba, de Manuel Lopes.** 334 f. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) – Departamento de Línguas e Cultura, Universidade de Aveiro, Portugal, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **Colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-130, 2005.

SCHIAPPA, Margarida. Nota analítica – Críticas ao livro “Mestre” Tamoda e outros contos, Revista *Opção*, Lisboa, 30 mar. 1978. *In*: XITU, Uanhenga. **Maka na Sanzala**. Lisboa: Edições 70, p. 144-146, 1979.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.

XITU, Uanhenga. **Maka na Sanzala**. Lisboa: Edições 70, 1979.